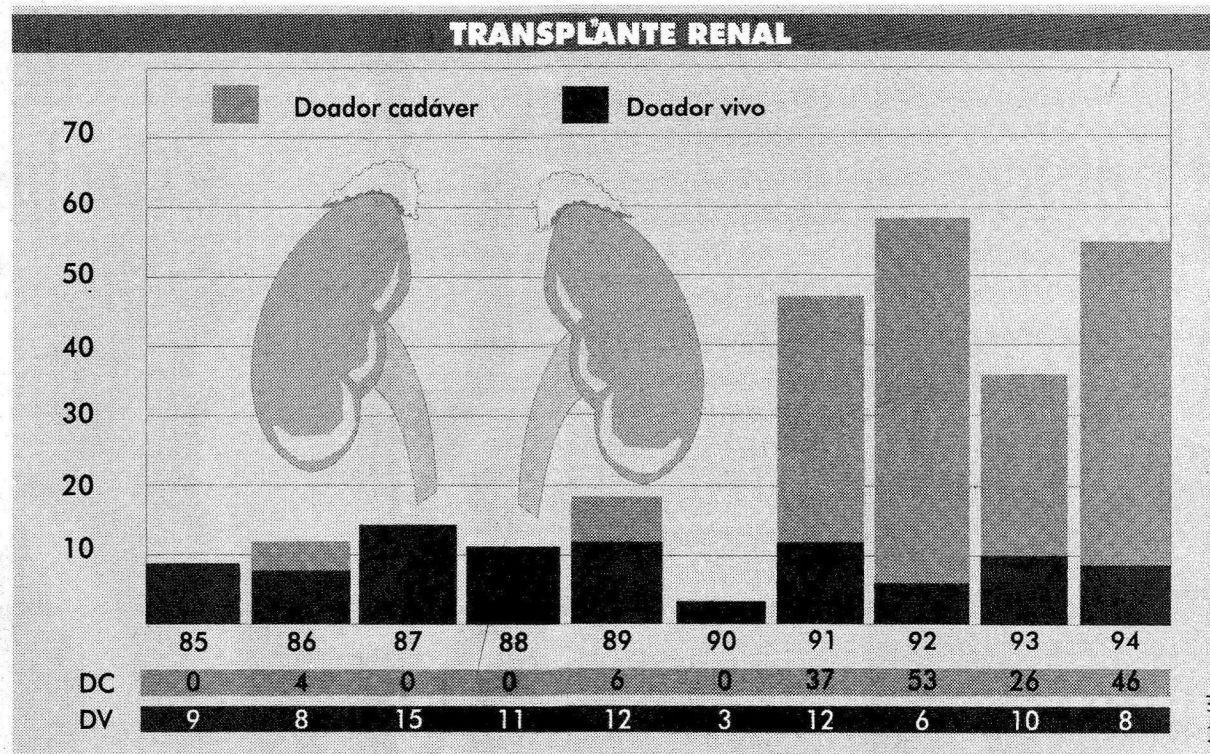




A costureira Diva, 64 anos, entrou na fila dos transplantes em 1988



## Suicida salva um jornalista

FERNANDO MARQUES

Um rapaz de 18 anos que se suicidou por amor não sabia que, ao se matar, salvava a vida de outra pessoa, liberando-a das dores e incômodos da hemodiálise. O jornalista Flamarion Mossri, 63 anos, recebeu o rim do rapaz alguns meses depois de passar por uma crise de saúde que o levou à UTI, em agosto de 1993.

A crise, desencadeada por um enfisema pulmonar, terminou por servir para que os médicos descobrissem outro problema: Flamarion "estava intoxicado, retendo muito líquido, com apenas 10% dos rins em funcionamento", conta Neide Mossri, esposa do jornalista.

Flamarion passou a fazer hemodiálise três vezes por semana, permanecendo por quatro horas diárias na máquina usada no tratamento, um remédio "doloroso e cansativo". Mas pôde ir ao hospital São Paulo, na capital paulista, para uma consulta com o nefrologista José Medina.

**Solução** - O paciente teve sorte: cerca de 40 dias depois da visita ao hospital, atendeu um telefonema com a notícia de que aparecera um doador. Fez o transplante, e seus problemas de saúde foram resolvidos, segundo afirma.

O jornalista era "hipertenso, fumava e levava uma vida estressante", diz dona Neide Mossri. Ela explica ainda que, no caso dos transplantes de rim, os médicos não retiram os órgãos **velhos**, mas acrescentam o **novo** ao abdômen do receptor.

Flamarion Mossri não chegou a conhecer a família do suicida que lhe deu um novo rim. O médico João Batista Pinto, integrante da equipe responsável pelo Programa de Transplante Renal do Hospital de Base, não recomenda contatos entre o receptor e a família do doador, pois poderiam ser criadas "relações afetivas patológicas".

# Doente crônico sofre com a hemodiálise

O transplante significa ganhar uma nova vida e se livrar de tratamentos caros e desgastantes. Para o renal crônico é poder viver sem ter de se submeter, três vezes por semana, a sessões de hemodiálise que duram quatro horas. O transplante mudou a vida da pequena Luana Araújo da Silva, de cinco anos, e da costureira Diva Xavier da Silva, 64 anos. Duas gerações unidas pela mesmo problema e pela mesma esperança. Pois nem sempre o transplante é a solução definitiva. Às vezes, ocorre rejeição do órgão alguns anos após a cirurgia.

Luana recebeu o rim de seu pai, Adelson Araújo de Souza, 39 anos. A técnica da cirurgia precisou ser adaptada, pois a menina recebeu um rim de 13 centímetros - mais do dobro do tamanho do rim de uma criança na sua idade. Luana

foi operada em julho e passa muito bem.

**Persistência** - A família descobriu que a menina era doente renal, há dois anos. Moravam na Bahia e trouxeram-na para Brasília na esperança de um tratamento. Nem o desemprego e nem a falta de dinheiro diminuíram a persistência dos pais de Luana. A menina acabou tendo mais sorte que muitos outros doentes renais. Pois os exames de compatibilidade revelaram que o

pai de Luana poderia ser o doador.

A mãe, Iraci de Souza, conta que seu marido estava disposto a tudo para ajudar a filha. "Ela está ótima. Está feliz e brincando como uma criança saudável. Valeu passar por todo sofrimento". Ela também conta que parte da família do marido era contra o transplante. "Mandavam recados da Bahia desencorajando Adelson a doar o rim", diz Iraci.

A costureira Diva Xavier da Silva prova

**ei obriga motoristas a optarem por ser ou não doadores na hora de renovar a Carteira de Habilitação**

que nunca é tarde para receber um trans-

plante e para começar um novo estilo de vida, sem sessões de diálise. Em 1988 ela descobriu que seus rins estavam funcionando apenas com 15% da capacidade. Começou a fazer o tratamento e entrou na fila por um transplante.

Após dois anos de espera, ela foi surpreendida um dia com o chamado dos médicos da equipe de transplante renal do Hospital de Base. "Me ligaram pedindo para eu ir ao hospital fazer alguns exames. Fui operada no dia seguinte".

**Doadores** - Nos últimos anos, a maioria dos transplantes renais no País acontece com doadores vivos. Do total de transplantes, apenas cerca de 20% são realizados com órgão de doador cadáver. Isso significa que apesar de algumas campanhas de incentivo à doação, as pessoas ainda não decidem, em vida, se querem

doador ou não seus órgãos, deixando para a família o encargo da decisão num momento doloroso. Mas, especificamente, no DF, a situação é inversa. O número de doador cadáver é maior do que o de doador vivo (veja quadro). Com a aprovação de algumas leis, essa média pode aumentar ainda mais.

A lei distrital 909/95, regulamentada pelo decreto 17341/96, estabelece que todo motorista, ao renovar a carteira de habilitação ou obtê-la pela primeira vez, opte por ser ou não doador. A informação é impressa na própria carteira. Com essa lei, mais de 20 mil pessoas se tornaram, desde janeiro, doadores de órgãos no DF. Em caso de acidente de trânsito que cause morte cerebral, a doação é automática, sem necessitar de autorização da família. (SS)